

## ARQUIDIOCESE DE MILÃO

### XXX ANIVERSÁRIO DO RECONHECIMENTO PONTIFÍCIO DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

#### VII ANIVERSÁRIO DA MORTE DE MONS. LUIGI GIUSSANI

**Missa votiva do Santíssimo Nome de Jesus**

Ecl 8,5b-14; Sal 89; Mc 12,38-44

**Catedral de Milão, 22 de fevereiro de 2012**

#### HOMILIA DO CARDEAL ANGELO SCOLA, ARCEBISPO DE MILÃO

1. *“Homem algum é senhor do sopro, para reter esse sopro”* (Primeira Leitura, Ecl 8,8). O autor do Livro do Eclesiastes, um “Pregador” que se tornou tristemente astuto, que viveu no século II a.C. e se identifica com o rei Salomão, indaga, com realismo cru, a precariedade da existência humana. Em particular está escandalizado com a impossibilidade de fazer justiça na história dos homens: “Vi também levarem ímpios à sepultura” – também eles não têm poder sobre o sopro vital – [mas] “quando saem do lugar santo, esquecem-se de como eles haviam agido na cidade” (Primeira Leitura, Ecl 8, 10). Este esquecimento calculado é intensificado pelo fato de que *“uma vez que não se executa logo a sentença contra quem praticou o mal, o coração dos filhos dos homens está sempre voltado para a prática do mal”* (cf. Primeira Leitura, Ecl 8,11).

A profundidade da constatação (“vi” é a expressão que o Eclesiastes mais utiliza) apenas é igualada pela sua extraordinária atualidade. O Eclesiastes não se limita, com efeito, a evidenciar a inevitabilidade da morte que, como um ruído de fundo, acompanha a vida de todos os homens. Nem se detém na angustiante pergunta: *“[o homem] não sabe o que acontecerá, quem pode anunciar-lhe como há de ser?”* (Primeira Leitura, Ecl 8,7). Entra no cotidiano da existência no qual se misturam verdade e mentira, bem e mal, justiça e injustiça.

É a trama dos fatores em jogo que lhe permite tecer a tela da humana *vanitas*. Quem de nós, aqui reunidos em oração, para renovar o vínculo paterno de comunhão que nos liga ao querido Monsenhor Giussani, pode ficar indiferente às interrogações angustiantes e às amargas constatações do Eclesiastes? Não é por acaso que a Igreja, Mãe e Mestra, nos convida a ler a circunstância que nos reúne através da Palavra de Deus proclamada nesta santa ação eucarística. A liturgia é a forma (o paradigma) da vida que ilumina a realidade, trama de circunstâncias e de relacionamentos, como Monsenhor Giussani tanto gostava de defini-la.

*Vanitas* afirma o Eclesiastes, ou seja, inconsistência. Inconsistência do nosso humano ser e do nosso agir.

2. *“Mas eu sei também que há o bem para os que temem a Deus... mas que não há o bem para o ímpio”* (Primeira Leitura, Ecl 8,12-13). Refletindo sobre cada ação que se realiza sob o sol, o Eclesiastes encontra no temor de Deus a tábua à qual se agarrar no vasto abismo do mal. Isto, porém, não parece libertá-lo completamente do risco do naufrágio, pois *“há justos que são tratados conforme a conduta dos ímpios e há ímpios que são tratados conforme a conduta dos justos. Digo que também isso é vaidade”* (Primeira Leitura, Ecl 8,14).

Esta pressão do mal que toma conta do/atormenta o nosso eu e faz sentir todo o seu peso no mal do mundo, e de que se fala a propósito e indevidamente nestes tempos de aflição, não pode então ser dissolvido? O Eclesiastes antecipa o grito de Paulo: *“Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?”* (Rm 7,24).

Um aspecto genial da proposta educativa de Monsenhor Giussani não foi, justamente, a eficaz re-proposição da verdade cristã segundo a qual ninguém se pode salvar sozinho?

A decisão de celebrar a *Missa Votiva do Santíssimo Nome de Jesus* no 7º aniversário da morte de Monsenhor Giussani e para recordar o 30º aniversário do reconhecimento pontifício da “Fraternidade de Comunhão e Libertação”, indica claramente qual é a estrada da salvação oferecida a cada um de nós e à humanidade inteira.

Assim, com efeito, rezamos na Oração do início da Assembleia litúrgica: “*Pelo vosso Filho que veio até nós, escolheste, ó Deus, um nome que claramente O manifestasse como salvador do gênero humano...*”. O nome de Jesus significa “*Deus salva*”. Verdadeiramente, Jesus desfez o enigma do homem revelando-lhe a sua consistência. Ela está radicada no amor com o qual Deus “*nos sacia com Seu amor pela manhã*” e “*confirma a obra de nossas mãos*” (Sl 90,14a.17).

3. Em Jesus, a *vanitas* (inconsistência) é vencida. “*Adorno do nome admirável que exprime salvação*” – diz o Prefácio –, Jesus nos acompanha, resgatando-nos do nosso pecado. E o texto litúrgico acrescenta, detalhando com intensidade: “*Doce e reconfortante certeza é a Sua proteção nos perigos da vida, e no momento da morte o Seu nome invocado é esperança e conforto*”.

Todas as coisas têm consistência em Cristo: “*Omnia in Ipso constant*” (Cl 1,17). É importante meditar bastante e conformar o nosso viver cotidiano a esta convicção. Cada coisa significa tudo. No mistério glorioso do *Verbum caro* tudo foi salvo porque tudo foi assumido por Cristo. Desde os seus primórdios, a tradição da Igreja ambrosiana transformou o método da ação de Deus na história dos homens (encarnação) numa fecunda proposta educativa. Gerou, dessa maneira, ao longo dos séculos, filhos conscientes de que “*demasiado tempo perde quem bem não ama*” a Jesus

Monsenhor Giussani expressou esta sensibilidade ambrosiana com força profética desde os anos 1950, educando na assunção integral de cada aspecto da existência humana. Pela lógica da encarnação, o cristão é aquele que testemunha – na família, no trabalho, no social em todos os níveis, até chegar ao compromisso político – a obra salvífica do Crucificado Ressuscitado.

4. Amigos, a ação eucarística desta tarde põe cada um de nós diante de uma alternativa, às vezes tácita e quase imperceptível, às vezes poderosa, que acompanha cada ação nossa. Sob a pressão do mal, físico e sobretudo moral, pode ganhar peso também no cristão a tentação de pensar que tudo seja *vanitas*, inconsistência. Ou o cristão presume, na prática, que se pode salvar por si mesmo, acabando, algumas vezes, como os escribas, por procurar “*ocupar os primeiros lugares nas sinagogas*” (cf. Evangelho, Mc 12,38-39). Ou então a sua liberdade cede ao chicote amoroso do Salmo: “*Fazes o mortal voltar ao pó, dizendo: ‘Voltai, filhos de Adão!’*” (Salmo Responsorial), como nos recordará, daqui a alguns dias, a imposição das Cinzas.

O regresso, fruto do perdão, torna-nos capazes de amor objetivo e efetivo. Assim como o Eclesiastes, também Jesus é um atento observador da realidade: “*sentado frente ao Tesouro do Templo, observava...*” (Evangelho, Mc 12,41). A viúva, que lançou no tesouro “*tudo o que possuía para viver*” (Evangelho, Mc 12,44), mostra a forma plena da liberdade do cristão. Em cada ação ele é chamado a exprimir o primado de Deus na sua vida. A vitória sobre a *vanitas*, a graça da consistência, assenta inteiramente no reconhecimento de Cristo presente que solicita o dom total de si. Memória e oferta exprimem deste modo a plenitude afetiva por que cada homem anseia e de que o cristão autêntico pode fazer experiência.

5. O Evangelho de hoje oferece um último ensinamento precioso. Está contido numa pequena passagem narrativa, oculto como uma pérola nas dobras do trecho evangélico proclamado: “*E chamando a si os discípulos*” (Evangelho, Mc 12,43), Jesus ajuda-os a compreender o gesto da viúva.

O que transparece neste gesto de Jesus? O vínculo sólido entre os membros daquela primeira companhia gerada por Ele. Um parentesco mais forte do que o da carne e do sangue, uma fraternidade na qual se antecipa – como transparece na Santa Eucaristia – a vida do Paraíso. Cristo chama os Seus a fazer a experiência inaudita de que a consistência do eu se chama comunhão.

Comunhão como estima *a priori* pelo outro, porque temos em comum o próprio Cristo. Comunhão disposta a todo sacrifício pela unidade, para que o mundo creia. “*A expressão madura da partilha cristã é, portanto, a unidade até o sensível e o visível. Esta foi a expressão do tormento final de Cristo na sua oração ao Pai, quando indicou consistir em tal unidade sensível e visível o testemunho decisivo dos Seus amigos*” (cf. Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 65). Aqui está a vitória sobre a *vanitas*. Aqui, comunhão é libertação.

“*A nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo*” (1Jo 1,3b). Quando, pela graça, nos tornamos amigos de Deus, a comunhão desenvolve um movimento irresistível de partilha da vida de todos os irmãos homens em cada ambiente da existência humana. A gratidão por ter recebido tudo gera gratuidade no dar tudo.

6. Caríssimos, o carisma católico que o Espírito concedeu a Monsenhor Giussani, que a Igreja reconheceu universalmente, e do qual dezenas de milhares de pessoas em todo o mundo podem hoje gozar, floresceu nesta santa Igreja ambrosiana. O amor que Monsenhor Giussani tinha por ela é documentado por milhares e milhares de sinais e testemunhos. Para os fiéis desta diocese, pertencentes ao Movimento de Comunhão e Libertação, este dado de fato constitui uma responsabilidade que exige ser sempre renovada: praticar, na assunção cordial do princípio da diversidade na unidade, uma profunda comunhão com toda a Igreja diocesana que vive à imagem da Igreja universal. Esta comunhão é com o Arcebispo, com os sacerdotes, com os religiosos e as religiosas, com todas as congregações de fiéis, com todos os batizados e com todos os habitantes dessa nossa “Terra Média”.

O *Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*, no dia 30 de maio de 1998, com o Beato João Paulo II, marcou uma passagem irreversível a uma nova fase eclesial confirmada pelos eventos que vêm sendo produzidos na Igreja e no nosso país.

Como recorda incessantemente Bento XVI, este é o tempo da nova evangelização para a qual todas as realidades eclesiais devem concorrer em harmoniosa unidade.

O homem pós-moderno pede salvação, consistência: por isso, precisa de testemunhas daquela forma bela do mundo (*Eccelsia forma mundi*) que é a santa Igreja de Deus.

7. “*Concedei-nos generosamente a ajuda da Vossa graça e assegurai-nos a alegria de encontrar escritos no céu os nossos nomes*”. Estas palavras da Oração Depois da Comunhão revelam a fonte da nossa letícia e da nossa esperança: Jesus Cristo vivo no meio de nós e o termos familiaridade com Ele para o bem dos nossos irmãos homens. Amém.